

Economia, Brasil

ECONOMIA

□ & NEGÓCIOS □

Camelo
ternos, blazers e calças

□ DOMINGO, 1 DE SETEMBRO DE 1991 □

Crise avança e Collor prestigia Marcílio

Inflação chega a 15%,
volta a ciranda
financeira e risco de
choque assusta o País

MARIA APARECIDA DAMASCO

Sete meses depois da edição do Plano Collor 2 e quatro meses após a posse do ministro Marcílio Marques Moreira, a economia parece estar às vésperas de um novo choque e de uma nova troca de comando. O quadro econômico se deteriora: a inflação chegou a 15% ao mês, os juros passaram de 800% ao ano e voltou a ciranda financeira. O ministro e sua equipe demonstram uma aparente imobilidade diante desses preocupantes indicadores, o que alimenta um encorpado balaio de boatos. Os mais insistentes, que agitaram o mercado na última semana, apontam para a iminente substituição de Marcílio por um dos homens fortes do grupo da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, o ex-secretário de Política Econômica Antônio Kandir. O presidente Fernando Collor garantiu ontem que Marcílio continua no cargo (ver ao lado).

As visitas constantes de Kandir ao Palácio do Planalto, porém, para longas conversas com o presidente, fortalecem a hipótese de candidatura à sucessão de Marcílio. Ele já estaria preparando um novo pacote, com o qual estrearia no ministério.

Kandir não nega estar conversando regularmente com o presidente, mas garante que seus planos se resumem na montagem do Instituto Brasil — uma sociedade capitaneada por Zélia e destinada a preparar projetos para a modernização do País. "O pessoal comenta que nós estamos voltando ao governo só para assustar os empresários e segurar os preços", ironiza um dos integrantes do grupo. Fontes próximas a Zélia acreditam, contudo, que aí há fumaça e fogo. "De uns tempos para cá, toda a turma faz questão de me dizer que Kandir está queimado com o presidente", conta um economista ligado ao grupo. "Isso parece versão combinada para despistar". Numa roda de amigos, o governador Antônio Carlos Magalhães, experiente em despistes, comentou: "Quando se chama o bruxo, só pode ser para bruxaria".

A equipe de Marcílio gostaria de parecer imune ao tiroteio. A idéia geral, nos solitários gabinetes do Ministério da Economia, é de que a situação é difícil, mas não escapou do controle. A artilharia, porém, vem de todos os lados. Os próprios empresários, que nos primeiros dias de Marcílio comemoravam a troca dos sus-

tos do tempo de Zélia pela cordialidade e estabilidade do substituto, começam a se inquietar com sua falta de ação. "Marcílio não emplacou", comenta um ex-ministro com bom trânsito nos corredores do governo. "O estilo do presidente não combina com o do ministro", afirma um amigo de Collor. Ciente da boataria, o porta-voz Cláudio Humberto cumpre o seu papel: "O presidente está satisfeito com o ministro."

As críticas à inabilidade de Marcílio cresceram nos últimos dias, depois da desastrada referência à alternativa de choque, no documento do Emendão. Pela primeira vez, foi o próprio ministro da Economia que fomentou os rumores sobre um pacote econômico — ao afirmar que, com a inflação na faixa de 20% ao mês e sem Emendão, a opção seria o choque.

Há sinais, contudo, de que algo começa a mudar dentro da equipe econômica. Marcílio abandonou o tradicional mutismo e saiu a campo para falar sobre a crise e sua estratégia. Na quinta-feira, ele advertiu no Congresso que se a terapia de alta dos juros não derrubar a inflação, o remédio será recorrer a outras medidas. O aprofundamento da recessão, nesse caso, será inevitável.

Fontes próximas a Marcílio garantem que ele não quer o choque. Mas alguns integrantes da equipe já estariam olhando com interesse especial para a economia argentina, que vai bem como seu tabelamento da taxa de câmbio. Além disso, a experiência mostra que, para convencer qualquer ministro da necessidade de um choque, basta mostrar que o futuro próximo da economia é a hiperinflação e o da equipe econômica, a saída do governo. "Se eu achasse que a equipe não faria nenhum tipo de choque, já estaria correndo para o ouro e o dólar", ironiza o economista Joaquim Elói Cirne de Toledo, da USP. "No Brasil, cada ministro tem direito a pelo menos um choque", diz.

As maiores apostas, porém, são de uma sobrevida da atual equipe e da atual política econômica. Segundo o economista Dionísio Carneiro, da PUC carioca, o ideal, no momento, é o governo se manter firme na política de aperto monetário e não cair na tentação de um pacote. "Seria insensato fazer um choque e trocar o ministro agora, no meio da negociação da dívida externa e das discussões do emendão", avalia o economista Paulo Guedes. "O presidente vai deixar a situação piorar mais para conseguir o apoio da sociedade às mudanças", completa o consultor José Arantes Savazini. A temporada de boatos, contudo, está aberta e pode precipitar uma saída — o velho choque econômico, com ou sem Marcílio.

□ Leia reportagem nas páginas 10 e 11